

O TABU E A OBEDIÊNCIA NO TRABALHO

Cesar Bessa*

SUMÁRIO: *Introdução; 2 A Teoria dos Instintos; 3 A Crença; 3.1 O Tabu, a Violação e o Totemismo; 3.2 A Fonte do Tabu: Reminiscências do Passado; 3.3 Espécies de Tabu; 3.4 A Gênese do Tabu; 4 O Tabu e a Obediência; 5 Considerações Finais; Referências.*

RESUMO: O *tabu* é forma de manipulação da ansiedade por intermédio de regras do *totemismo*, respectivamente, instituto e instituição social, das quais se abstrai o controle pela submissão na crença do desconhecido, como no caso da morte e da exogamia na horda primitiva. Por outro lado, a infância é, em si, servidão e a tentativa de fuga desta condição à maturidade que nunca chega a ser completa, enquanto no sistema capitalista, o trabalho humano é servidão modelada por um contrato de trabalho, é uma nova fase em que o ser humano se submete. O contrato de trabalho, para o trabalhador, é um retrato da impossibilidade de escolha ou limitado no campo das exigências da vida que, simbolicamente, se apresenta como *reconhecimento da necessidade*, a *ananke*, nossa educadora que se instala, para, em troca, dispor da liberdade de forma silente, incapaz de reagir.

PALAVRAS-CHAVE: Instinto; Tabu; Totemismo; Trabalhador; Submissão.

TABOO AND OBEDIENCE IN WORK

ABSTRACT: Taboos are a form of manipulation of anxiety by means of totemic rules, respectively institute and social institution, from which control is abstracted by the submission of the belief in the unknown such as death and exogamy in the primitive clan. On the other hand, childhood is obedience and the attempt to flee from this condition to maturity that is never achieved. On the other hand, in the capitalist system, human work is obedience modeled on the labor contract. It is a new phase in which the human beings submits themselves. In the case of the worker, the labor contract is the image of the impossibility of choice or limited within the field of life requirements that symbolically present themselves as an acknowledgement of need, *ananke*, the educator which installs itself and silently disposes of freedom due to the incapacity for any reaction.

KEY WORDS: Instinct; Taboo; Totemism; Worker; Obedience.

* Doutorando em Direito - Setor de Ciências Jurídicas pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; Docente de Direito do Trabalho da Universidade Estadual de Londrina - UEL. E-mail: bess@sercomtel.com.br

EL TABU Y LA OBEDIENCIA EN EL TRABAJO

RESUMEN: El tabú es forma de manipulación de la ansiedad por intermedio de reglas de totemismo, respectivamente instituto e institución social, de las cuales se abstrae el control por la sumisión en la creencia de lo desconocido, como en el caso de la muerte y de la exogamia en la horda primitiva. Por otro lado, la infancia es, en sí, servidumbre e intento de huida de esta condición a la madurez que nunca llega a ser completa, mientras que en el sistema capitalista, el trabajo humano es servidumbre modelada por un contrato de trabajo, es una nueva fase en que el ser humano se somete. El contrato de trabajo, para el trabajador, es un retrato de la imposibilidad de elección o limitación en el campo de las exigencias de la vida que, simbólicamente, nuestra educadora que se instala, para, en cambio, disponer de la libertad de forma silente, incapaz de reaccionar.

PALABRAS-CLAVE: Instinto; Tabú; Totemismo; Trabajador; Sumisión

INTRODUÇÃO

Mário é um estrangeiro instalado em uma pequena cidade e sua miséria, não tem um vintém para sair do local. Como distração, só há um boteco de vagabundos e desempregados, enquanto a única fonte de recursos é uma empresa petroleira norte-americana que faz uma proposta de trabalho a Mário, para junto com outros três homens, todos estrangeiros e carentes, transportarem um carregamento de nitroglicerina em dois caminhões por uma estrada parcialmente não asfaltada e dotada de serras íngremes. O que é intrigante nessa estória é que, pouco a pouco, o objeto do trabalho, a condução perigosa daquela mercadoria, que está sendo trocado pelo salário, vai se tornando um teste de redenção para a qual os quatro motoristas vão se entregando¹.

Responder à origem da servidão humana inserida no contrato de trabalho, como modelo em que se desenvolve o aferrolhamento da submissão do empregado ao empregador, é a questão que se busca compreender pelo veio teórico sinalizado por Sigmund Freud.

1 Essa é a estória narrada no livro "O salário do medo", de Georges Arnaud, publicado em 1950 e protagonizado pelos atores Yves Montand e Charles Vanel sob a direção de Henri-Georges Clouzot, em 1953, numa produção franco-italiana, com título homônimo, sendo considerado uma obra-prima entre os filmes de suspenses. Em refilmagem norte-americana, em 1977, por William Friedkin, sob o título "Comboio do medo", a despeito de boa aceitação crítica, foi um fracasso de bilheteria.

Na psicanálise constituída por Freud, não há nenhum estado mental que não tenha causa determinante que não pode ser encontrado, especialmente no inconsciente: um contêiner de causas poderosas, como paixões, ansiedades, conflitos que lá ficam escondidos ou procuram uma saída, mas que só saem disfarçados.

Para tal compreensão, é pertinente passar por caminhos preliminares, como as noções sobre a teoria dos instintos, sobre os princípios de prazer e de realidade, desenvolvimento da sexualidade. Assim, as noções adiante expostas têm o propósito de facilitar o entendimento para a compreensão do tabu na formação da ansiedade e de como tudo isto compõe a condição da submissão.

2 A TEORIA DOS INSTINTOS²

Para Freud, a natureza humana é movida pela energia sexual denominada de libido, esta potencializa uma tensão que pode se libertar pelo prazer para reduzir a tensão. Com isto, reações químicas do corpo processam a acumulação de uma nova tensão, gerando a necessidade de satisfação pelo prazer, por assim dizer, um processo de repetição. Por outro lado, por vezes se dá o impedimento ou redução daquela tensão por intermédio de uma contenção determinada pela necessidade de sobrevivência. Essa necessidade de sobrevivência, enquanto realidade, conflita com a vontade do prazer, e deste conflito é possível resultar um equilíbrio que passa a ser determinante para a condição de saúde mental.

Sem desprezar que os instintos são a nossa mitologia, o que se corrobora pelo senso comum da existência de vários instintos com uma infinidade de denominações, para Freud³, dois grupos de instintos respondem por necessidades vitais: a

2 Renato Zwick, tradutor da obra *Mal estar na cultura*, publicada pela L&PM Pocket, observa os problemas terminológicos da passagem do alemão para o português, em especial do termo *Trieb*, derivado do verbo *treiben*, significando “impelir, impulsionar, tocar para frente”, em que *Trieb* tem o sentido de algo que propuliona, toca para a frente, de força irresistível que impele. Empregado por Freud para designar as forças que supomos existirem por trás das tensões, na tradução para o Brasil se popularizou nos termos “instinto” e “pulsão”. O primeiro, em decorrência da tradução anglo-saxã, de James Strachey ao empregar a designação “instinct”; o segundo, pela tradução francesa de Jacques Lacan, que emprega “pulsion”. Renato Zwick, por sua vez, utiliza o termo “impulso” e, apesar de suas observações de que Freud utilizava termos antiquíssimos de sua língua (FREUD, 2010, p. 189-191), a preferência a ser adotada é por “instinto”, considerando que ele reúne melhor o entendimento nuclear das proposições freudianas para o campo do direito, e é dito que sua utilização é por preferência porque o mesmo sentido proveniente do termo “impulso” não será de todo desconsiderado, mormente porque em várias colocações o termo “impulso” manifesta-se como ação reativa do “instinto”.

3 FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standart brasileira. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006g, v. XXII, p. 98.

fome e o amor. A *fome* está sob o domínio de intenção da autopreservação, constituindo-se nos instintos de ego, que exercem o poder limitante e repressor; o *amor* está sob o domínio de Eros, cuja intenção é a preservação da espécie por meio da manifestação dos instintos libidinais ou sexuais, que têm o seu poder limitado e reprimido pelos instintos de ego.

Os instintos libidinosos buscam esgotar a sua satisfação, mas encontram pela frente a repressão dos instintos de ego. A satisfação dos instintos sexuais se direciona a objetos de desejo, cujo processo de fixação objetual é denominado de *catexia* e possui um enorme poder de transferência diante da insatisfação, sendo perfeitamente normal que a *catexia* libidinal de alguém que se acha parcialmente insatisfeito venha se dirigir a uma nova pessoa semelhante à ideia libidinal antecipada da imagem materna ou fraterna⁴. Assim, os instintos libidinais, na busca do esgotamento de satisfação, têm um princípio, o princípio de prazer.

Mas, mesmo antes e mais primitivo que o princípio de prazer, existe a *compulsão à repetição* que opera na mente e que está presente “como impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas”⁵, significando uma expressão da natureza conservadora⁶ por meio da compulsão orgânica de repetir para gerar hereditariedade.

Difícil é ignorar a conclusão de que tudo que vive morre para se tornar inorgânico, “que o objetivo de toda vida é a morte e que as coisas inanimadas existiram antes das vivas”⁷, daí a suposição de que os instintos de morte estão associados, desde o início, aos instintos de vida⁸. Assim, o primeiro instinto é o de retornar ao estado inanimado e contra este instinto Eros combate, promovendo a substância da vida, enquanto o instinto de autoconservação buscará garantir que o organismo siga seu curso para a morte por seu próprio modo, afastando todos os perigos neste sentido⁹.

As neuroses permitiram reconhecer a importância das fases primitivas na infância do instinto sexual/libido. O desenvolvimento da libido não é exatamente o

4 FREUD, Sigmund. **Pequena coleção das obras de Freud**: edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: 1976, v. XVIII, p. 34.

5 FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e Outros trabalhos (1920-1922). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006d, v. XVIII, p. 47.

6 Vide a migração dos peixes na época da desova, voo migratório de aves, marcha dos pinguins etc. e, mesmo nos organismos unicelulares, como bactérias, fungos e protozoários, é de ser notada a compulsão à repetição.

7 FREUD, op. cit., 2006d, v. XVIII, p. 49.

8 Ibidem, 2006d, v. XVIII, p. 67.

9 Ibidem, 2006d, v. XVIII, p. 49-50.

mesmo na história de cada indivíduo¹⁰ e passa por ciclos. O primeiro atravessa as atividades de sugar e morder do bebê, afirmando que um bebê repetirá o ato de tomar alimento sem exigir mais comida, ao que o bebê não é levado devido à fome, mas à satisfação sensual por meio da sucção para obter satisfação por repetição/compulsão da atividade de sugar, donde o seio é o primeiro objeto do instinto sexual¹¹. Depois passa pelo processo de eliminação anal e uretal, pela correspondente excitação das zonas erógenas da membrana mucosa e excreções que são valorizadas como parte de seu corpo, da qual não se separa facilmente e será seu primeiro 'presente' à pessoa a quem preza¹². E, finalmente, alcança o aparelho genital, resultando no fato de que a vida sexual não emerge como algo pronto, mas que a libido passa por uma série de ciclos sucessivos, "como o da lagarta em borboleta"¹³.

Na puberdade, os instintos libidinosos catexiam com o desenvolvimento genital, uma correspondência com a independência dos seus pais e de superação do complexo de Édipo¹⁴. Essa nova fase corresponde com a vontade do filho de fazer as pazes com o pai, possivelmente por uma culpa que tem de ter desejado substituí-lo; que corresponde com a vontade da filha de fazer as pazes com a mãe, possivelmente, pela culpa de ter desejado substituir a mãe e dar ao pai um novo filho. Com isso rompe-se o novo casulo com a dissolução edipiana, e o voo da borboleta vai para o campo social, o lugar das sublimações. Os instintos libidinosos advindos do complexo de Édipo¹⁵, no entanto, se escondem na escuridão do inconsciente e, lá recolhidos, ficam adormecidos, podendo ser reavivados.

Na conferência XXII, sobre *Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia* (1917), Freud¹⁶ fala sobre os *instintos do ego*, como forças instintuais não sexuais que fazem o serviço de contenção das tendências dos instintos sexuais,

10 FROMM, Erich. **Meu encontro com Marx e Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1965, p. 36.

11 FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standart brasileira. conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III) (1915-1916). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006c, v. XVI, p. 319.

12 Ibidem, 2006c, v. XVI, p. 320.

13 Ibidem, 2006c, v. XVI, p. 332.

14 As razões do complexo de Édipo de forma mais pormenorizada estão demonstradas mais adiante, sobre o tabu do incesto, no item Espécies de Tabus.

15 A primeira referência, de Freud, ao mito de Édipo, é em sua obra *A interpretação de Sonhos* (1900), mas já se manifesta desde 1897, em uma carta a Wilhelm Fliess: "encontrei em mim, como em todos, aliás, sentimentos de amor para com minha mãe e de ciúme para com meu pai, sentimentos que são, creio, comuns a todas as crianças [...]. Se é assim [...], entende-se o efeito chocante de Édipo Rei [...]. Cada espectador [da peça de Sófocles] foi um dia Édipo em germe" (In: DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005, p. 153) e a sua contextualização na civilização segue adiante em tabu do incesto.

16 FREUD, op. cit., 2006c, v. XVI, p. 343.

mantendo a perspectiva teórica de conflito entre os *instintos do ego*¹⁷ e os *instintos libidinais*, por assim dizer, entre *ego* e *sexualidade*. E acrescenta novos aspectos ao tema, como a constatação de que os *instintos de ego* não são independentes da libido e que, desde o início, o *ego*, em cada estágio de desenvolvimento, procura permanecer em harmonia com a organização sexual do indivíduo. Ambos os *instintos* desenvolvem-se, de forma paralela e com correspondência entre eles, em que o fator patogênico advém do distúrbio exatamente nessa correspondência entre os instintos. Assim, se a *libido*, no percurso de seu desenvolvimento, fixar-se em um objeto e o *ego* aceitar esta fixação, tornar-se-á o indivíduo um *pervertido*, mas pode o *ego* não aceitar a fixação e adotar uma *repressão* onde a libido fixou¹⁸. Contudo, se a repressão formulada pelos instintos de ego for excessiva, o indivíduo será enfileirado na fila dos neuróticos.

Os *instintos de ego* e os *instintos libidinais* são similares no objetivo de buscar o prazer e se distanciar do desprazer, mas ambos têm suas distintas linhas de desenvolvimento, que advém da realidade e, em razão disso comportam-se, o primeiro, em consonância com a educação dada pela realidade para obterem os objetos de autopreservação do indivíduo. Diferentemente, os instintos libidinosos são rebeldes à educação, ligados ao corpo e se satisfazem pela autoerotização, como sendo “irracional”¹⁹.

Nesse percurso, o *instinto do ego* descobre que consegue adiar a satisfação do prazer imediato e que pode suportar um pequeno desprazer da insatisfação; contudo, este adiamento pela diminuição ou substituição da satisfação sugere que o instinto do ego foi educado, tornou-se racional e não se deixa governar pelo princípio de prazer, seu governante agora é o princípio de realidade²⁰, que leva em conta a necessidade, a nossa educadora *Ananke*.

Este processo também foi descrito anteriormente no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911)*, de que os processos

17 Freud, num período anterior, vai utilizar a expressão “interesse do ego” para denominar as catexias provenientes dos instintos de autopreservação, que usou pela primeira vez em seu artigo sobre o narcisismo (1914), vol. XIV (2006b) e em diversos artigos em 1915, para diferenciar da libido as forças de autopreservação, para manter a libido do ego ou libido narcísica separada do interesse do ego ou instinto de autopreservação, mas, depois, abandonou essa nomenclatura em Além do Princípio de Prazer (2006d, p. 72), no sentido de que a libido narcísica necessariamente tinha de ser identificada como instinto de autopreservação. E, como anota o editor James Strachey, Freud continuou a acreditar que havia instintos objetivos além de apenas os libidinais, ou seja, aqueles descritos como instintos destrutivos ou instintos de morte (vide a Conferência XXVI, 2006c, p. 415).

18 FREUD, op. cit., 2006c, v. XVI, p. 357.

19 Ibidem, 2006c, v. XVI, p. 358.

20 Ibidem, 2006c, v. XVI, p. 360.

mentais são regulados por dois princípios que vão ser constantes em toda obra freudiana²¹ o *princípio de prazer*, presente no processo mental primário que se caracteriza pelo inconsciente; e o outro, o processo mental secundário, que caracteriza o sistema pré-consciente e consciente, o *princípio de realidade*.

Existe um marco inicial do processo mental inconsciente, o procedimento mental mais antigo, que é o *resíduo primário* da fase de desenvolvimento mental em que era o único processo mental: o *princípio de prazer-desprazer*. Se, por um lado, há um esforço para alcançar o prazer, de outro, há uma repressão de todo e qualquer evento que possa produzir o desprazer²². Por assim dizer, o princípio de prazer, por meio do aparelho psíquico, é regido pela “evitação” da tensão desagradável, tanto que a designação do princípio de prazer era de “princípio de desprazer” e daí a indagação²³ se o princípio de prazer não estaria “a serviço da pulsão de morte”.

Ambos os princípios estão enleados e conforme o mundo real vai aumentando a sua significação, simultânea e instintivamente se promove a introdução de um mecanismo de *autodefesa* por meio do desenvolvimento dos órgãos sensoriais do aparelho psíquico, um mecanismo de adaptação ao mundo externo, de consciência, um sistema de notação que chamamos de memória²⁴.

O lugar da repressão, que se manifestava, no processo primário, por movimentos expressivos do corpo, vai ser ocupado pelos traços da memória da realidade em concordância ou não, manifestando-se como uma “descarga motora”, não para expressar a repressão, mas para expressar um *pensamento* direcionado para alterar a realidade por meio da *ação* que, coibida pelo pensamento, tolera uma tensão que vai ser aumentada por estímulos em um processo em que a descarga vai sendo adiada²⁵ que, por vezes, desloca-se em pequenas quantidades de investimento²⁶.

A neurose tem a função de alienar o sujeito, com o propósito de arrastá-lo da realidade a ponto de o sujeito considerar a realidade insuportável²⁷. Contudo, não é só em pessoas neuróticas que isso ocorre, mas também em relação às pessoas sadias, por meio da substituição gradativa do *princípio de prazer* pelo *princípio de*

21 LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 365-371.

22 FREUD, op. cit., 1976, p. 168.

23 LAPLANCHE, op. cit., 1992, p. 365-366.

24 FREUD, op. cit., 1976, p. 169-170.

25 Ibidem, 1976, p. 171.

26 LAPLANCHE, op. cit., 1992, p. 365.

27 FREUD, op. cit., 1976, p. 167

realidade que libera a atividade do autoerotismo por meio da fantasia constituída pela imaginação, tornando possível reter o adiamento da satisfação momentânea. Como diz Freud²⁸, “no campo da fantasia é que a repressão permanece toda poderosa”.

Em sua Conferência XXXII (1933[1932]), sobre *ansiedade e vida instintual*, Freud²⁹ inova sua teoria dos instintos, acrescentando uma nova perspectiva, reconhecendo uma relação dialética entre duas categorias: instintos sexuais e instintos agressivos, entre forças contrárias de amor e ódio, criação e destruição, de atração e repulsão.

O instinto agressivo visa a destruição do orgânico para reduzi-lo ao seu estado inverso. Está presente não só na vida mental, mas na vida vegetal e pode ser constatado ante dois fenômenos que, inclusive, se encontram no comportamento sexual de pessoas consideradas normais: o *sadismo*, em que o sujeito, para obter satisfação sexual, depende da condição de seu objeto libidinal sofrer dor, maus-tratos e humilhações, onde o instinto destrutivo é dirigido para o exterior pela agressividade, e o *masoquismo*, em que o sujeito, para obter satisfação sexual, tem a necessidade de ser o objeto maltratado e, neste caso, o objetivo da agressividade é direcionada para o interior, para a autodestruição. A intensidade dessa agressividade ante sua repressão pelos instintos de ego, descreve Freud:

[...] parece implicar um grave dano realmente, parece necessário que destruamos alguma coisa ou pessoa, a fim de não nos destruímos a nós mesmos, a fim de nos protegemos contra a impulsão de autodestruição. Realmente, uma triste descoberta para o moralista!³⁰

A agressividade está presente em nossa subjetividade para se expandir, seja para o exterior em catexia, cujo reconhecimento se faz na menção a Hobbes, da sua obra *Do cidadão* em que recorda a citação *Homo homini lupus*³¹ proferida pelo dramaturgo romano Plauto (230 a.C. – 180 a.C.). Por outro lado, a agressividade pode ser internalizada em uma ação de autodestrutividade. Seja na forma externalizada ou internalizada, a agressividade é a expressão do instinto de morte, presente em todo o processo vital, opondo-se a Eros que, por sua vez, visa aproximar as unidades para a preservação da espécie. Percebe-se neste embate o conflito da vida e da morte.

28 Ibidem, 1976, p. 172.

29 FREUD, op. cit., 2006g, v. XX, p. 105.

30 Ibidem, 2006g, v. XX, 106.

31 FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010, p. 124.

Desta feita, o papel da cultura é refrear os nossos instintos agressivos. Este é o papel das instituições na sociedade civil; este é o papel do Estado, dominar a exteriorização da violência introjetada.

3 A CRENÇA

Com fundamento na teoria dos instintos, Freud perfaz um ousado e fundamental percurso para esclarecer as crenças desenvolvidas no interior da civilização, cuja enunciação estará presente em toda a sua obra, mas é em *Totem e tabu (1912-1913)* que ele reúne especial análise sobre a temática da origem da submissão. E para ilustração da temática da crença até a obediência no trabalho, o presente artigo busca o esclarecimento por intermédio dos tópicos desenvolvidos adiante, como o tabu, a violação e o totemismo; a fonte do tabu: reminiscências do passado; espécies de tabus; e a gênese do tabu.

3.1 O TABU, A VIOLAÇÃO E O TOTEMISMO

Tabu é renúncia e obediência. Significa “santo”, “sagrado” ou “consagrado” e, em sentido oposto, “inquietante”, “perigoso”, “proibido”, “impuro”. Esta ambivalência do tabu entre o “sagrado” e o “impuro” era mais intensa nas sociedades primitivas e, gradualmente, foi diminuindo com o avanço da civilização. Esse sentido de ambivalência é a marca registrada sobre o tabu, para ser “o mais antigo código de leis não escritas da humanidade”³², fixando a advertência de que o tabu ainda subsiste entre nós, tal como processo similar se opera no “imperativo categórico” de Kant, agindo como um mecanismo de coerção que rejeita a motivação consciente³³.

O castigo para a violação pela desobediência a um *tabu*, no tempo em que a religião ainda era totêmica, devia sempre ser severo. Havia uma convicção generalizada por toda a comunidade de que sua violação tinha punição automática, eis que o *tabu* se vingava por si mesmo por meio de doenças graves e até a morte. Com a evolução do conceito punitivo, porém, a própria sociedade assumiu o castigo, com a morte ou com o degredo, como se fosse afastar um perigo do contágio com

32 FREUD, Sigmund. **Obras completas**: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012, v. 11, p. 43.

33 Ibidem, 2012, v. 11, p. 15.

o infrator que ameaça toda a comunidade. Afinal quem faz o proibido, quem viola o *tabu*, torna-se ele mesmo *tabu*³⁴.

É de se notar que persiste em todo o estudo sobre o tabu um forte estreitamento com o *totemismo*! E o *totemismo* é a primeira e mais antiga forma de religião da humanidade³⁵ que foi abandonada e substituída por novas formas de religião. O *totem*, via de regra, é um animal comestível (em menor proporção às plantas), inofensivo ou perigoso que é eleito como o ancestral comum do clã e, por isso, seu protetor, cujo termo (*totem*) foi tomado dos peles-vermelhas norte-americanos pelo inglês J. Long, na forma de “totam”, em 1791³⁶.

No *totemismo*, o sistema religioso se confundia com o sistema social, e o *totem*, em si, trazia consigo a proibição de ser tocado, inclusive de ser olhado ou de se mencionar seu nome corretamente. O reconhecimento da crença institucionalizada em meio a sociedades primitivas permite até sugerir que os ecos da origem do Direito tenham vindo do sistema totêmico.

O sistema totêmico é o ancestral das doutrinas religiosas que incutirão a renúncia dos desejos sexuais e da sua compensação em uma existência futura, uma garantia futura para a descarga do prazer. É nessa forma de contenção repressora que se garante a submissão à autoridade do censor no comando das demais instituições apontadas pela religião. Neste sistema existe, fundamentalmente, uma moeda de troca, a ansiedade provocada pelo desconhecido da inevitável morte!

Como foi o totemismo, são as religiões que vão se apropriar da morte, do desconhecido da morte, do tabu da morte, gerando uma tutela mítica na mente de seus súditos. Neste concerto a religião torna-se a perfeita *dissonância cognitiva*³⁷ ou, por assim dizer, o perfeito eufemismo para não pensarmos na morte, para *isolarmos* a morte do pensamento, ou seja, um mecanismo de defesa utilizado pelos instintos de ego ante a ansiedade do desconhecido que representa a morte. A religião, enquanto instituição, portanto, se constitui como força do sutil mecanismo

34 Ibidem, 2012, v. 11, p. 61.

35 ALINE, Mario; BENOZO Francesco. **Arqueologia etimológica**: três estudos acerca da continuidade lingüística-cultural do paleolítico. Tradução Gabriela Morais. Lisboa: Universidade de Valência, 2011, p. 7. (Coleção teoria da continuidade paleolítica, 7). ISBN: 978-989-618-358-5. Disponível em: <http://www.continuitas.org/texts/aline_benzo-arqueologia.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2013, p. 7.

36 FREUD, op. cit., 2012, p. 20.

37 A dissonância cognitiva e o isolamento são mecanismos de defesa, entre outros, construídos pela psique. A teoria da dissonância cognitiva é desenvolvida pelo Prof. Leon Festinger, com publicação em 1962. Freud não utiliza este termo, mas fala em eufemização o que aproxima da referida teoria. Sobre isolamento, esta sim, teoria específica desenvolvida por Freud como mecanismo de defesa. (FESTINGER, Leon. **Teoria da dissonância cognitiva**. Tradução de Eduardo Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.)

psíquico de defesa para desviar ou atenuar o sofrimento causado pela ansiedade da morte, bem como a reflexão sobre a morte, um perfeito instrumento de negação do perigo, pois, *isolando* a morte, é como se ela passasse a não existir! E esta, por certo, é a cláusula do totemismo que permanece vigente na civilização, na crença de que a morte não existe.

Acrescente-se que a técnica utilizada pela religião é a de depreciar o valor da vida e depreciar a imagem do mundo real como um mundo de pecados e de pecadores, intimidando a inteligência e propagando um infantilismo psíquico, num delírio coletivo que pode poupar muitos da neurose individual como caminho para a felicidade, mas que, de forma concorrente, ao possibilitar o consolo e a fonte de prazer no sofrimento, conquista a submissão incondicional³⁸. Daí a lógica de que a origem da atitude religiosa é passível de ser seguida até o sentimento de desamparo infantil, um meio de autoproteção que se revela na negação do perigo que o ego reconhece como ameaça que vem do exterior³⁹. Nisto há uma manifesta forma de poder condicionado⁴⁰ que foi herdado do totemismo e talvez a maior fonte de poder da Igreja se perpetuando até os dias de hoje, a sua promessa condicionada aos que lhe obedeciam de uma retribuição compensatória no outro mundo.

Em tempos futuros ao *totemismo*, a devoção religiosa se confundirá com o sentido de pátria, onde a violação da religião será também a violação da pátria e vice-versa, é o *dogma patriótico* citado por Freud, ao que comenta Pierre Legendre (1983, p. 183) que se o Estado se viu, *o Invisível por toda a parte e presente para todos – levado a submeter religiosamente seus sujeitos*. Neste sentido, Coulanges⁴¹ aponta os registros de Heródoto, Sófocles, Ovídio, Platão, Festo, Cícero que certificaram ao mundo que as grandes violações à pátria e à religião eram punidas com o exílio, que compreendia não só a interdição da residência na cidade e o afastamento do solo da pátria, mas também a interdição ao culto e a proibição de contato com outros. Se estes porventura tivessem em sua companhia se tocado, comido, bebido, seriam também vítimas do contágio com o dever de purificação, ou seja, o exilado perdia a religião, o culto doméstico, seus bens eram confiscados. Ele perdia a cidade.

É neste sentimento religioso e de pátria comum que se esconde o processo de identificação coletiva à crença, donde se romperá o complexo ilusório para a

38 FREUD, op. cit., 2010, p. 79.

39 Ibidem, 2010, p. 57.

40 GALBRAITH, J. Kenneth. *Anatomia do poder*. São Paulo: Pioneira, 1984, p. 97.

41 COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*: estudo sobre o culto, o direito as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo: HEMUS, 1975, p. 160.

realidade da *instituição* que tem na lei, o seu instrumento normalizador e tranquilizador de censura, para ser ela, a *instituição*, o instrumento de captura regrada do conflito edipiano, tanto no aspecto geracional como sexual, que já sofria um processo de controle a partir do discurso da escola e da religião com a morte e o casamento, para a formação de uma consciência moral permitindo o aferrolhamento do sujeito à *instituição* simbolizando a absolvição do penitente que se vê confirmado na versão do Pai onipotente, cujo discurso da salvação coincide com a teoria da ordem fálica - *a única que se garante por si mesma*⁴².

3.2 A FONTE DO TABU: REMINISCÊNCIAS DO PASSADO

Mas de onde vem o tabu? Qual o seu percurso para se tornar, enfim, uma crença em algo venerado e intocável? Em *A Etiologia da Histeria, 1896*, Freud⁴³ imagina um explorador que chega a uma área de ruínas, contentando-se em inspecionar o que está visível, interrogando os habitantes das imediações sobre o que a tradição lhes diz a respeito da história e do significado de tais ruínas, anota tudo e segue viagem; mas pode agir diferente e levar picaretas, pás, enxadas, remover os resíduos visíveis, descobrir que as ruínas são as muralhas de um palácio ou de um templo com inscrições que, quiçá sejam bilíngues revelando um alfabeto e uma linguagem que, decifrados e traduzidos, fornecem informações nem mesmo sonhadas sobre os eventos do mais remoto passado e, enfim, exclama: *saxa loquuntur!* Existe um passado psíquico presente nas coisas do mundo - *nas pedras que falam*, que retrata os estágios intermediários de outros que se extinguíram, assim nos são os lugares, os animais, as técnicas, as estéticas, as fábulas, as normas jurídicas, as instituições, as crenças supersticiosas e as religiões recordando as concepções mitológicas do mundo etc. Afinal, com o tempo, as coisas desaparecem, as pessoas desaparecem, cidades inteiras desaparecem.

O que mais importa é a capacidade de articular historicamente o passado, o que não significa conhecê-lo exatamente como foi, tal como sugere Walter Benjamin:

42 LEGENDRE, Pierre. **O amor ao censor**: ensaio sobre a ordem dogmática. Tradução de Aluísio Pereira de Menezes, M. D. Magno e Potiguara Mendes d Silveira Jr. [do] Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Colégio Freudiano, 1983, p. 111-112.

43 FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standart brasileira. Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. v. III, p. 190.

Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.⁴⁴

No âmbito psíquico, as coisas podem ficar esquecidas, mas ficarão armazenadas, eis que a conservação do primitivo está ao lado do que dele se originou. Neste sentido, em analogia ao corpo se desenvolvendo e se distanciando de seu próprio passado, escreve:

As primeiras fases do desenvolvimento não se conservam em nenhum sentido; elas foram absorvidas pelas fases posteriores, às quais forneceram o material. Não se consegue encontrar o embrião no adulto; o timo⁴⁵, presente na criança, é substituído por tecido conjuntivo depois da puberdade, mas ele próprio não existe mais; nos ossos longos do homem adulto posso desenhar o contorno dos ossos infantis, mas estes desaparecem na medida em que se alongaram e se dilataram até atingir sua forma definitiva.... O único fato ao qual podemos nos ater é que a conservação do passado na vida psíquica é antes a regra do que uma exceção extraordinária.⁴⁶

O tabu está presente no passado inconsciente, naquelas ruínas a serem escavadas. Daí a importância da psicanálise que investiga metodicamente esse passado inconsciente.

Mas qual a importância da fonte do tabu se constituir no passado inconsciente? O passado psíquico inconsciente está presente no perigo e se manifesta pela ansiedade, por exemplo, de ficar sozinho, no escuro ou com estranhos, como mani-

44 BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1), p. 224-225.

45 Na anatomia humana, a glândula do timo é um órgão linfático que está localizado na porção antero-superior da cavidade torácica; limita-se superiormente pela traqueia, a veia jugular interna e a artéria carótida comum, lateralmente pelos pulmões e inferior e posteriormente pelo coração e é vital contra a autoimunidade, mas ao longo da vida, o timo involui (diminui de tamanho) e é substituído por tecido adiposo nos idosos, o que acarreta na diminuição da produção de linfócitos T. WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Timo>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

46 FREUD, op. cit., 2010, p. 49.

festação reativa ao perigo de perder o objeto do desejo ou por outras fobias, como o pavor de animaizinhos, trovoadas etc., que também são traços de vestígios do preparo instintual de se opor a perigos reais. No ser humano, é apropriada a parte dessa herança arcaica que tem referência à perda do objeto de afeto para se constituir de alguma forma em ansiedades e fobias, fenômenos que podem vir a se tornarem fixados e mais fortes e persistirem até anos depois.

O que se apresenta, seguindo o aconselhamento de Benjamin, é valorizar as reminiscências do passado histórico social elevando os seus momentos de perigo como especial fonte de conhecimento. E esta observação coincide com as proposições freudianas de considerar os impulsos de perigo interno na história sexual individual e suas consequências como os tabus e disso podem se lastrear os momentos de perigo de um lado e de outro e de sua relação com as falácias da submissão no mundo externo.

3.3 ESPÉCIES DE TABUS

Em seu percurso teórico, Freud deu continuidade ao tema do *tabu* escrevendo, em 1917, “Tabu da virgindade”, mas é em “Totem e tabu”, publicado anteriormente, em 1913, que se verá detalhadamente sua pesquisa sobre a matéria. A partir de estudos de antropologia de várias etnias, em especial dos aborígenes australianos, faz uma breve classificação como o *tabu da morte, do inimigo, do incesto, dos chefes*. Tais categorias se entrelaçam e devem ser entendidas como necessárias para a afirmação de que a obediência em si tem sua origem no tabu.

Do *totem* descendiam os laços de família, em geral pela linhagem da mãe, com restrição dos membros do clã de se casarem ou terem relações sexuais entre si. Esta exogamia pulverizou o horror ao incesto às futuras gerações pela crença de punições com a morte pelos próprios membros do clã e pelos ancestrais mortos.

A primeira escolha sexual do ser humano é incestuosa, e aquele que não consegue se libertar das fixações infantis será atormentado pela neurose⁴⁷. Daí se deduz que somos submetidos à repressão desses antigos desejos incestuosos que se tornaram inconscientes, enquanto, para os povos selvagens, devido à ausência de pressupostos morais de repressão, favorecia a aproximação consciente do incesto e, por consequência, esta incitação libidinosa consciente passava a ser uma ameaça e,

47 FREUD, op. cit., 2012, p. 41.

portanto, merecedora de rigorosas medidas de defesa.

No *tabu do incesto*, a resposta apropriada do mecanismo de defesa tem na exogamia a instituição de sua prevenção, isto é, de proibição do casamento e relações sexuais com membros da mesma família ou do mesmo clã.

É em Darwin⁴⁸ que Freud busca o reforço para sua teoria considerando outro aspecto, as condições da horda primitiva advinda dos longínquos ancestrais, na lógica de que o homem primitivo vivia em pequenas comunidades com várias esposas e o ciúme do pai, como sendo o macho mais velho e mais forte, era o fator impeditivo à promiscuidade, tal como se dá na convivência em pequenas comunidades dos gorilas, contando com apenas um macho adulto no bando. Quando o macho jovem desenvolve sua maturidade sexual, promove-se a disputa entre os machos no bando, com a morte ou expulsão da comunidade do mais fraco que, por probabilidade, será o mais jovem. Os jovens expulsos fundariam hordas semelhantes com a mesma proibição sexual àqueles que lhes seriam mais jovens e o ciúme do líder consagra-se como a proibição do sexo que teria se transformado na proibição das relações sexuais no interior da comunidade totêmica⁴⁹. Desta constatação pode se extrair o processo de identificação por transferência, em que o totem passa a ser, em si, a representação simbólica do pai e da sua censura.

Freud decifrou que o filho jovem, renunciando seus desejos sexuais em relação à mãe, enxergava no pai o concorrente e deste complexo se forma o núcleo das neuroses, o qual denominou *complexo de Édipo*⁵⁰. Dele se abstrai a ambivalência de sentimentos de afeto e admiração pela liderança do pai, como possuidor do genital grande e ameaçador ao genital do filho, produzindo o medo da castração ou seu substituto que, na narrativa do mito, se dá pelo *enceguecimento*, um autoflagelamento em que se desenvolve em um mecanismo de reforço da submissão e, em sentido oposto, o sentimento de hostilidade e ódio que vem da rivalidade na disputa pela mãe.

O sistema totêmico resulta das condições do *complexo de Édipo* que pode ser observado por dois traços de importância teórica desta analogia, a completa identificação dos membros do clã com o animal totêmico e o sentimento de característica ambivalente em relação ao totem. É aqui que Freud dá um ousado passo, em

48 DARWIN, Charles. *A orgiem das espécies por meio da seleção natural*. São Paulo: Escala, 2009.

49 FREUD, op. cit., 2012, p. 194.

50 Ibidem, 2012, p. 199-200.

que o pai toma o lugar do animal totêmico, pois o totem não é só o ancestral, mas também o pai primevo, que traz consigo a repressão moral ao filho para não matá-lo e a repressão moral ao filho para não ter relações sexuais com suas mulheres, tal como os dois crimes de Édipo⁵¹.

Os rituais periódicos, que vão do sangue ao vinho, da ação simbólica de beber e comer em sacrifício, o mesmo animal que era totem venerado do clã⁵², tem que este sacrifício gerava o luto imposto pelo medo da ira sobrenatural do pai primevo, como sendo um meio de afastar quaisquer responsabilidades (mesmo como mera intenção) por sua morte. Mas era também a forma de reavivar a semelhança com ele e de demonstrar o desejo de reconciliação numa forma narcísica que espera ganhar favores do pai elevado à condição de Deus ao mesmo tempo que consagra o instrumento egocêntrico de autopreservação com a promoção da união da comunidade do clã em torno do totem.

Após o luto, a festa. E na festa a liberação do proibido, a ambivalência do ódio ao pai, que privou os filhos do sexo e do amor, e da admiração ao pai pelo seu poder, por sua autonomia, por sua independência. Depois que matam o animal totêmico, satisfazem o ódio em um primeiro momento e, depois, os impulsos afetuosos, que estavam subjugados, manifestam-se na forma de arrependimento e de culpa. É desta forma que o pai morto torna-se mais forte do que era em vida! Esta potência do pai morto revela o que Freud⁵³ denominou de *obediência a posteriori*. Assim, com a proibição de se matar o substituto do pai (o totem) reprime-se o *primeiro desejo de Édipo*: o desejo de o filho matar o pai. Ocorre, porém, que, por serem todos iguais os irmãos que venceram o pai, a nenhum deles é concedido o poder de tomar o lugar do pai, assim fica *reprimido o segundo desejo de Édipo*: o de fornicar com as mulheres do pai.

Os dois desejos de Édipo, portanto, são reprimidos pelo fenômeno que Freud⁵⁴ chamou de *consciência de culpa do filho* e, desta culpa do crime de parricídio, advém a *obediência a posteriori* que, com isto, institui a proibição ao incesto, fundindo-se no totemismo um contrato de reconciliação com o pai na preservação da organização que agora é sacralizada pelo sangue comum do sentimento social

51 *Ibidem*, 2012, p. 203.

52 O ritual com animais totêmicos foi notado pelos cristãos romanos por volta do século V entre os francos que eram utilizados como forças militares auxiliares contra invasões de outros povos bárbaros.

53 FREUD, op. cit., 2012, p. 222.

54 *Ibidem*, 2012, p. 221.

da fraternidade de não se fazer uns aos outros o que fizeram com o pai, e a horda paterna é substituída pelo clã fraterno⁵⁵. Do fundamento religioso da proibição de matar o totem ao fundamento social da proibição de matar um irmão⁵⁶ se dá o triunfo do filho sobre o pai, dos sentimentos afetuosos sobre os hostis. E assim, em combinação com a

ânsia pelo pai, fez-se a submissão: após um longo período pode se abrandar a irritação contra o pai, que impelira ao ato, o anseio por ele pode aumentar, e foi possível nascer um ideal que tinha por conteúdo o ilimitado poder do pai primevo, outrora combatido, e a disposição de a ele sujeitar-se⁵⁷.

Subsistindo no inconsciente a origem da *consciência de culpa* vai persistir nos filhos, tanto quanto a disposição de reconciliação pela *ânsia do pai*, o que se dá por meio da sujeição a Deus e pela renúncia às suas mulheres. É a consagração da *obediência a posteriori* dos filhos ao simbólico pai.

3.4 A GÊNESE DO TABU

Não é possível saber, com exatidão, a gênese do tabu, mas não é a superstição, como alertou Freud⁵⁸. Para se compreender a sua gênese, é necessário subir os calcanhares e ver por trás do *muro das superstições*. E o que veremos é que sua gênese coincide com a ansiedade e o medo, por assim dizer, sentimentos que carregam em si as fobias humanas e dos pensamentos obsessivos que pululam nos eventos que não dominamos, bem como desconhecemos, como a morte inevitável para todos.

Em sua Conferência XXV, *A ansiedade*, proferida em 1917, Freud⁵⁹ discorre sobre o termo *ansiedade*. A tradução do alemão “anxiety” gerou interpretações como “temor”, “temer”, “ter medo” e, em alguns substantivos compostos, ficou consagrado como “angústia”, como “neurose de angústia” e “histeria de angústia”.

A *ansiedade* é o sofrimento psíquico determinado, genericamente, pela presença de um conflito interno descrito como a *ansiedade* e que pode se transformar

55 Ibidem, 2012, p. 223.

56 Ibidem, 2012, p. 222.

57 Ibidem, 2012, p. 226

58 FREUD, op. cit., 2012, p. 152.

59 FREUD, op. cit., 2006c, v. XVI.

em uma *ansiedade neurótica* ou no que ele denomina de *ansiedade expectante* ou *expectativa ansiosa*, tais como aquelas decorrentes de um excesso de pessimismo ou de um estado de elevada ansiedade por pessoas que interpretam os eventos casuais com presságio do mal e com possibilidades terríveis⁶⁰.

A “ansiedade constitui moeda corrente universal pela qual é ou pode ser trocado qualquer impulso, se o conteúdo ideativo vinculado a ele estiver sujeito a repressão”⁶¹, e isto tem estreita vinculação com a limitação ou restrição sexual, cuja fonte de geração está ligada ao sistema inconsciente, daí porque os objetos de ansiedade se estabelecem em conexão com o perigo por ligação simbólica, apresentando-se como descarga (de ansiedade) causada pela libido que foi reprimida pelo ego, cujo processo de anticatexia permitirá estabilidade à repressão, numa tentativa feita pelo ego de fugir da libido sentida como um perigo, tal como um entrincheiramento contra o perigo externo que agora representa a libido temida⁶².

A *ansiedade*, portanto, é manifestação do instinto de *ego* que se apresenta como uma reação racional à percepção de um dano esperado e previsto, um reconhecimento precoce à ameaça de um perigo e que se manifesta como reflexo de fuga ou de defesa; como um mecanismo em que a pessoa se protege do medo por meio da ansiedade, afinal “onde existe ansiedade, deve haver algo que teme”⁶³.

As peças de Shakespeare atormentavam Freud e, no caso de *MacBeth*, em especial o personagem Macduff que não fora “nascido de mãe”, mas rasgado temporaneamente de seu ventre e por esse motivo era o único e possível algoz de MacBeth, já que este acreditava e difundia estar protegido por um feitiço que nenhum homem “nascido de mãe” teria o poder de matá-lo⁶⁴. De forma relacional ao destino de MacDuff, Freud admite que o primeiro estado de ansiedade se dá quando o filho se separa da mãe e que este é um fato do qual ninguém pode escapar, deste afeto de ansiedade, mesmo aqueles que tenham sido expulsos do útero antes do tempo certo. E chegou a esta conclusão pela correlação da ingenuidade da mente popular, que ele captou no relato contado como anedota entre jovens médicos, numa refeição hospitalar, da resposta de uma candidata reprovada para a função de parteira, sobre o aparecimento de mecônio no nascimento, quando da expulsão das águas.

60 Ibidem, 2006c, v. XVI, p. 399.

61 Ibidem, 2006c, v. XVI, p. 404.

62 Ibidem, 2006c, v. XVI, p. 411.

63 FREUD, Sigmund, op. cit., 2006c, v. XVI.

64 GAY, Peter. **Lendo Freud: investigações e entretenimentos**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 75.

Ela respondeu que os excrementos significavam que a criança estava com medo⁶⁵. E, acompanhando o mesmo raciocínio, no final de *O Ego e o Id* (1923), reafirma ser o nascimento o primeiro grande estado de ansiedade, bem como a ansiedade infantil do desejo devido à separação da mãe protetora - a *ansiedade de separação*⁶⁶. Freud segue desenvolvendo a mesma teoria no texto *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926[1925])⁶⁷ e, posteriormente, em suas conclusões na *Conferência XXXII sobre Ansiedade e Vida Instintual* (1933[1932])⁶⁸.

Tudo isto significa, antes de uma possibilidade de nascer, o medo de se separar da mãe, especialmente, de sua proteção e afeto, daí a ansiedade como um aviso ante ao desamparo, como o trauma originário que se repetirá na vida de todos em forma de ansiedade que sugere a perda do objeto amado.

Em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud⁶⁹ retrata uma distinção conceitual entre ansiedade, medo e susto, comumente empregados como sinônimos, mas que possuem distinção em relação ao perigo. A *ansiedade* é um estado particular de espera do perigo ou de preparação para um perigo desconhecido; enquanto o *medo* é a relação de perigo com um objeto definido e do qual se tem temor; e o *susto*, uma reação de surpresa de alguém que entrou em perigo sem estar preparado para ele.

Ressalte-se que, a partir daqui, há importante distinção, que se tornou uma questão pululante em toda a obra freudiana⁷⁰, a questão da origem da ansiedade. Neste trabalho, o argumento sustentado é que a *gênese do tabu* é a ansiedade, uma manifestação de desprazer, portanto um sintoma que, para ser reconhecido enquanto tal, não pode desprezar as conclusões freudianas. Neste sentido, o editor inglês das *Obras Completas de Freud*, James Strachey, em texto introdutório de *Inibições*,

65 FREUD, op. cit., 2006c, v. XVI, p. 398.

66 FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standart brasileira. O ego e o Id, e outros trabalhos (1923-1925). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006e. v. XIX, p. 71.

67 FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standart brasileira. Um estudo autobiográfico, inibições e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006f, v. XX, p. 97, 129, 130, 132, 133, 136, 157 e 161.

68 FREUD, op. cit., 2006g, v. XXII, p. 85.

69 FREUD, op. cit., 2006d, v. XVI, p. 23

70 O editor inglês das *Obras Completas de Freud*, James Strachey, em texto preliminar à leitura de *Inibições, sintoma e ansiedade* (1925[1926]), dispõe o extenso percurso bibliográfico nos textos freudianos confirmando o dilema da busca da origem determinada da ansiedade, da libido transformada ou como uma reação sobre um modelo específico a situações de perigo (FREUD, 2006f, p. 83-90), acrescenta James Strachey à obra citada o Apêndice A com a lista de textos escritos por Freud, num total de treze textos que tratam predominantemente da ansiedade, a partir de 1893 com o Rascunho B, The aetiology of the Neuroses, Seção II até sua última menção em 1933 com a publicação de New Introductory Lectures on Psycho-Analysis, Conferência XXXII (Primeira Parte) (in FREUD, 2006f, p. 171).

sintoma e ansiedade (1925[1926])⁷¹, comenta a fidelidade da origem da ansiedade a partir da libido, como sendo a *libido transformada*, mas que, a partir dessa última obra (*Inibições...*), passa a considerar a ansiedade como uma reação do ego a situações de perigo. O propósito aqui não é solucionar a questão da exatidão da origem da ansiedade, mas somente esclarecer o mecanismo da ansiedade traçado por Freud. Assim, a instigação do instinto libidinoso na busca de satisfação e a instauração da repressão àquela possibilidade de satisfação têm no prazer que era esperado a sua transformação em desprazer. E, em decorrência da possibilidade de satisfação que se transforma em desprazer, o que se vê é um conflito entre *ego* e *id*, tal como descrito metaforicamente por Freud⁷², de um país em que uma minoria política é contrária a uma medida proposta e apoiada pelas massas populares, contudo aquela minoria obtém o controle da imprensa e manipula a 'opinião pública', almejando a não aprovação da medida proposta. Para Freud⁷³, a separação entre o *ego* e o *id* é a separação do mesmo, ou seja:

[...] o ego é idêntico ao id, sendo apenas uma parte especialmente diferenciada do mesmo [...] se o ego permanecer vinculado ao id e indistinguível dele, então ele exibe a sua força. O mesmo se aplica à relação entre o ego e o superego. Em muitas situações os dois se acham fundidos; e em geral só podemos distinguir um do outro quando há uma tensão ou conflito entre eles. Na repressão, o fato decisivo é que o ego é uma organização e o id não. O ego é, na realidade, a parte organizada do id. Estaríamos inteiramente errados se figurássemos o ego e o id como dois campos opostos e se supuséssemos que, quando o ego tenta suprimir uma parte do id por meio de repressão, o restante do id vai em socorro da parte que se acha em perigo e mede sua força com o ego, isto poderá amiúde ser o que acontece, mas por certo não é a situação inicial na repressão, em geral, o impulso inicial que irá ser reprimido permanece isolado.

Logo o *ego* é uma organização centralizadora, inclusive tentando incorporar os próprios sintomas causados por ele mesmo por meio da repressão às satisfações pretendidas e provocadas pelos instintos libidinosos.

Desta feita, a ansiedade é dotada de um caráter específico de desprazer, já que esta manifestação também se encontra em outros sentimentos como a tensão, a dor ou o luto, porém apresentará atos de descarga e percepções desses atos ao lon-

71 FREUD, op. cit., 2006f, v. XX, p. 83

72 Ibidem, 2006f, v. XX, p. 96.

73 Ibidem, 2006f, v. XX, p. 100.

go de trilhas específicas, especialmente, como um estado emocional que remonta uma reprodução do ato do nascimento, uma reação a um estado de perigo que se reproduz sempre que algo análogo ao nascimento se repete⁷⁴.

Diante da impossibilidade de lidar com o perigo, a psique é dominada pela ansiedade como uma resposta do ego, um sinal de uma ameaça representada simbolicamente por uma situação traumática de perigo de origem interna e externa, mantendo a característica comum do envolvimento com a separação ou perda de um objeto amado⁷⁵, acarretando a situação de desamparo pelo acúmulo de desejos insatisfeitos. Nesse passo, a instituição que mais tempo mantém seu domínio sobre a humanidade, indiscutivelmente, é aquela que projeta a proteção mítica da mente contra a ansiedade, a religião!

De tudo isso que foi compilado é possível reconhecer na metáfora do horror ao Minotauro que este medo não é natural, mas provocado pelo isolamento da morte e da reflexão de sua causa, tanto é que as crianças inexperientes não têm medo, assim como os animais inexperientes não têm medo, pois o medo é uma formulação da experiência provocada pela realidade que impediu um desejo. Com isso, reconhecendo também que a vulnerabilidade do sistema defensivo ante o perigo que vem de fora e o perigo que vem de dentro do indivíduo é a *ansiedade* um mecanismo de defesa que nos acompanha desde os tempos mais remotos, constituindo-se seguramente na gênese dos tabus.

4 O TABU E A OBEDIÊNCIA

A infância é a primeira servidão humana em que o crescimento mental é uma tentativa para a fuga que nunca chega a ser completa. Em cada período do desenvolvimento humano somos obrigados a escolher nossos objetos de afetos, ao que conclui Gay⁷⁶ ser o inconsciente um reservatório de forças irracionais poderosas, funcionando indistintamente como o elemento mais poderoso e influente da liberdade humana, da qual não há escapatória, mas que tem na razão a melhor e a mais valiosa arma para lutar contra as ilusões.

74 FREUD, op. cit., 2006f, v. XX, p. 132.

75 FREUD, op. cit., 2006g, v. XXII, p. 91.

76 GAY, op. cit., 1992, p. 136.

A infância é servidão, e a tentativa de fuga desta condição para a maturidade nunca chega a ser completa. Senão vejamos, o trabalho humano é manifestação de servidão velada, em especial no sistema capitalista, cujo modelo jurídico apresenta um contrato de submissão. Aquele que se submeteu na infância tem uma nova fase de submissão.

O contrato de trabalho, para o trabalhador, genericamente, é um retrato da impossibilidade de escolha ou limitado no campo das exigências da vida que, simbolicamente, se apresentam como *reconhecimento da necessidade*, a *ananke*, nossa educadora que se instala, para, em troca, dispor da liberdade de forma silente, incapaz de reagir ou até mesmo adorando o empregador como seu salvador. E esta captura da subjetividade do trabalhador é a cooptação pela devoção à crença que advém da ansiedade, ou seja, pelo temor face ao desconhecido, tipicamente um tabu constituído em uma intangibilidade para se processar a amarração do sujeito pelas instituições sociais, especialmente pelas instituições religiosas, herdeiras de um totemismo de outros tempos.

A obediência devida pelo empregado ao empregador nas relações de trabalho não é uma simples entrega momentânea e com significado restrito a um contrato, tal como dispõe a cultura do senso comum que se esparrama nos veios da interpretação jurídica. Quando se entrega a liberdade, o que se tem é uma modelagem da perda da autonomia que foi desenvolvida pelo amadurecimento do ser humano a partir de sua tenra idade mediante a superação do complexo de Édipo. A transferência desta autonomia a outrem, contudo, revela uma civilização que mantém a servidão humana pelo salário do medo e pela *obediência a posteriori* de trabalhadores que, cheios de culpa, anseiam pelo pai.

Por outro lado, a doutrina jus trabalhista procura demonstrar que esse mecanismo de entrega da autonomia não se dá como servidão humana, mas como um elemento técnico do contrato de trabalho ou da necessidade de desenvolvimento do empreendimento empresarial ao qual está engajado o trabalhador, tudo em benefício difuso por toda a sociedade.

Como servidão, propriamente, é inegável a entrega da liberdade nas mãos do empregador, visto que este detém o total domínio da direção das condutas do empregado como servo. Eis que o direito do trabalho chancela na figura da empresa a constituição de um macropoder indo muito além de uma delegação ao empregador do poder de organização, de direção e até mesmo de repressão moral. Este

macropoder consagra-se no poder potestativo do empregador, como vontade unilateral de determinar o nascimento, a modificação ou a extinção do contrato e no sucedâneo poder punitivo, enquanto ao trabalhador, por sua vez, resta obediência ao empregador e, nisso, o que se vê é a garantia daquele macropoder a partir dos princípios do privilégio da propriedade privada, da livre iniciativa e da concessão da autonomia privada pelo contratualismo⁷⁷.

Constitui-se, assim, o instituto da submissão em que a dependência se estabelece como um mecanismo de devoção profissional que se confunde com uma devoção mítica ilustrada pela total ausência de crítica, convencionando que o trabalho pela submissão é “mal necessário”.

Mas toda esta concepção tem suas raízes nas primeiras teorias humanas! E estão incorporadas na memória arcaica e infante de cada indivíduo, da qual se aproveitam os interesses dominantes capitalistas incorporados pela ideologia nas instituições difusas na sociedade.

Diante disso, Lafargue⁷⁸ pergunta: como exigir de um trabalhador, que foi corrompido pela moral capitalista de uma paixão cega de sujeição pelo dogma do trabalho, uma decisão viril e contrária ao capital? Por que ele persiste com os olhos baixos, submisso, venerando o patrão, admirando o patrão? Por que não reage? A partir das categorias desenvolvidas pela teoria de Freud, é possível encontrar entendimento para estas questões, respondendo e compreendendo essa inação e essa sujeição. Não que a teoria freudiana encontre uma resposta insólita para essa problemática, mas ela sustenta uma base de compreensão científica à indagação eleita. Por isso deve-se partir do pressuposto de que a obediência como sujeição e como renúncia da independência foi constituída pelo desenvolvimento da sexualidade e pelo conflito dos instintos humanos na luta por um equilíbrio com a realidade, o que se dá de forma entrelaçada com a ansiedade.

Assim, a submissão é fruto da ansiedade de perder, de se perder na escuridão e na incerteza de um desconhecido que apavora. No caso do empregado, esse desconhecido é o desemprego que atingirá a sua subsistência. A ansiedade, como mecanismo de defesa contra a incerteza do desemprego, constitui-se na excelência da captura da subjetividade do trabalhador. E ela, a ansiedade, o elemento fundamental na geração da submissão. Para isso, concorre também o amor da dependência da experiência de estar em submissão e, portanto, em proteção ante o medo de

77 COUTINHO, Aldacy Rachid. **Poder punitivo trabalhista**. São Paulo: LTr, 1999, p. 86.

78 LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 112.

ser castrado por sua fraqueza, bem como a admiração submissa ao que representa o falo do pai que se transfere e se revela na coragem do patrão por meio da sua autonomia e da sua independência de poder, tal como o poder de dizer – *é por aqui que eu não vou!* Essa admiração é a “evitação” que faz com que ele dependa, que faz que ele se submeta e não se arrisque. Essa admiração é por aquele que aprendeu a enfrentar a morte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *tabu* é forma de manipulação da ansiedade por intermédio de regras do *totemismo*, respectivamente, instituto e instituição social das quais se abstrai o controle pela submissão na crença do desconhecido, como no caso da morte e da exogamia na horda primitiva. Por outro lado, a infância é, em si, servidão e a tentativa de fuga desta condição à maturidade que nunca chega a ser completa.

No sistema capitalista, o trabalho humano é servidão modelada por um contrato de trabalho, é uma nova fase em que o ser humano se submete. O contrato de trabalho, para o trabalhador, é um retrato da impossibilidade de escolha ou limitado no campo das exigências da vida que, simbolicamente, se apresenta como *reconhecimento da necessidade*, a *ananke*, nossa educadora que se instala, para, em troca, dispor da liberdade de forma silente e sem reação.

Aproveitando a teoria freudiana, constata-se no contrato de trabalho o pressuposto para a submissão do empregado ao empregador. Este pressuposto é uma relação de causas fortemente entrelaçadas tanto pela questão do desenvolvimento da sexualidade, em especial, pelo complexo de Édipo e suas exteriorizações como *a culpa por ter desejado a morte do pai, a ânsia do pai, a obediência a posteriori*, bem como no conflito entre os instintos de ego e de prazer, por assim dizer, na contraposição do princípio de prazer com o princípio de realidade. E entre tais causas, persiste um elemento nuclear, o tabu, fator gerador da obediência pela ansiedade.

REFERÊNCIAS

ALINE, Mario; BENOZO, Francesco. **Arqueologia etimológica**: três estudos acerca da continuidade lingüística-cultural do paleolítico. Tradução Gabriela Morais. Lisboa: Universidade de Valência, 2011. (Coleção teoria da continuidade paleolítica, 7).

ISBN: 978-989-618-358-5. Disponível em: <http://www.continuitas.org/texts/aline_benozzo-arqueologia.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2013

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: HEMUS, 1975.

COUTINHO, Aldacy Rachid. **Poder punitivo trabalhista**. São Paulo: LTr, 1999.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies por meio da seleção natural**. São Paulo: Escala, 2009.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FESTINGER, Leon. **Teoria da dissonância cognitiva**. Tradução de Eduardo Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud: edição *standart* brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI

FREUD, Sigmund. **Pequena coleção das obras de Freud: edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: 1976. v. XVIII

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standart* brasileira**. Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standart* brasileira**. Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. v. III.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standart* brasileira**. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia

e outros trabalhos (1914-1916). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. v. XIV.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III) (1915-1916). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. v. XVI.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e Outros trabalhos (1920-1922). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006d. v. XVIII

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. O ego e o Id, e outros trabalhos (1923-1925). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006e. v. XIX

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Um estudo autobiográfico, inibições e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006f. v. XX

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006g. v. XXII

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 11.

FROMM, Erich. **Meu encontro com Marx e Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

GALBRAITH, J. Kenneth. **Anatomia do poder**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GAY, Peter. **Lendo Freud**: investigações e entretenimentos. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 276p. ISBN 85-312-0229-9.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEGENDRE, Pierre. **O amor ao censor**: ensaio sobre a ordem dogmática. Tradução e revisão de Aluísio Pereira de Menezes, M. D. Magno e Potiguara Mendes da Silveira Jr. [do] Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Colégio Freudiano, 1983.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: UNESP, 1999.

SÓFOCLES, 496-406 a.C. **Édipo rei**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2001.

Recebido em: 01 de novembro de 2013

Aceito em: 28 de novembro de 2013